

Economista afirma que conversão não atrai investimentos

MARIZA LOUVEN

A queda nos investimentos feitos pelas empresas multinacionais, na economia brasileira, tende a se tornar cada vez maior e, provavelmente, não será compensada pelos projetos de conversão de dívida em capital de risco. A previsão é do economista Reinaldo Gonçalves, professor do Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que chegou recentemente ao Brasil, após passar alguns anos trabalhando na Unctad, que é um dos órgãos da Organização das Nações Unidas, sediado na Suíça.

Ele argumenta que, de acordo com um estudo da Unctad, junto a multinacionais que atuavam na América Latina, durante a década de 70, cerca de 60% das empresas consultadas pretendiam aumentar suas aplicações nesses países, particularmente no Brasil. No período de 86 a 87, no entanto, somente 22% declararam a intenção de ampliar seus investimentos.

Os maiores estímulos a essa mudança de tendências foram, de acordo com Reinaldo Gonçalves, o alto risco que o País passou a oferecer, a crescente incerteza no quadro político-econômico, a redução da lucratividade (inclusive pelo controle de preços), a perspectiva de diminuição do ritmo de crescimento econômico e crescimento da inflação. Para isso, contribuíram, também, não somente as dificuldades no balanço de pagamentos, como as incertezas quanto à expansão do mercado interno que é, em última instância, o grande estímulo para a atração de investimentos externos, observa.

E, se no conjunto da economia brasileira as multinacionais são responsáveis por apenas cerca de 10% do fluxo de investimentos, isso não acontece em outros importantes setores da economia. Em áreas estratégicas como a de eletro-eletrônica, transportes e metal-mecânica, por exemplo, chegam a contribuir com 70% do total. Já no setor de bens de

capital, sua participação também é significativa, chegando a cerca de 50%.

Não só a perspectiva de queda na taxa de crescimento econômico como a baixa rentabilidade dos projetos — nos anos 50, era de 15%, nos anos 70, a taxa média de rentabilidade sobre o capital registrado no Banco Central era de aproximadamente 5% — têm contribuído para tornar a economia brasileira menos atraente. Além disso, as políticas monetárias e fiscais restritivas, que mantêm altas as taxas de juros internas e a carga fiscal, bem como os controles de preços, são outros fantasmas para a tomada de decisão de investir.

O economista acrescenta, ainda, que dados do Fundo Monetário Internacional (FMI) revelam que o estoque de capital de risco, no Brasil, representa apenas cerca de 20% do total do passivo externo (soma de empréstimos e capital de risco) do País. Outro documento, do Banco Mundial, datado de 1985, também dava cota de que, mesmo no longo prazo, os investimentos diretos feitos pelas multinacionais não compensarão, de forma alguma, as quedas dos fluxos de empréstimos para os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

O grupo dos 30, que reúne, em Nova York, as principais empresas multinacionais, levantou, inclusive, em pesquisa feita com suas filiais do México, Brasil, Argentina e Uruguai, que essas empresas tendem a depender, cada vez menos, das fontes de financiamento externo, que são os empréstimos e o capital de risco. O nível de liquidez dessas empresas, no Brasil, afirma Reinaldo Gonçalves, é muito alto, o que deverá levá-las à exclusiva utilização de recursos próprios. Paralelamente, as remessas de recursos para as matrizes têm se intensificado, reduzindo o período de retorno dos investimentos, afirma.

O estudo do grupo dos 30 também mostra que as legislações sobre capital estrangeiro não têm estimulado as aplicações estrangeiras na América Latina.